

SALVE!

A data de hontem assignalou a descoberta do nosso querido Brazil.

Pedro Alvares Cabral, o ouzado navegador portuguez seguia por ordem de D. Manoel, que então reinava em Portugal — caminho da India, quando acossado por medonho temporal, chegou de arribada a 3 de Maio de 1500, á uma terra desconhecida, a que deu o nome de *Vera Cruz*.

Ahi plantou elle o symbolo da nossa salvação, e pela primeira vez os habitantes das ilhas brazileiras assistiram ao santo sacrificio da missa, á sombra da bandeira portugueza, que, erguida junto a arvore da redempção, tremulava bafejada pelas brisas vespertinas, como que satisfeita com essa nova conquista.

Esse factio grandioso para a nossa patria, que teve em sua historia a primeira pagina escripta, inunda de alegria o nosso coração de brasileiro, que exclama jubiloso: Salve, Brazil!

O NOSSO APPARECIMENTO

Ainda sobre o nosso apparecimento, assim se expressaram os nossos collegas do *Mercantil* e *Sul-Americano*.

O BINOCULO.— «A 15 do p. p. mez, surgiu á luz da publicidade, nesta capital, *O Binoculo*, interessante jornalsinho critico e noticioso.

Felicitando ao bem redigido e novel collega, almejamos vida longa e prospera.»
(Do *Mercantil*)

O BINOCULO.— «Temos sobre a meza os ns. 1, 2 e 3 d' *O Binoculo*, organo humoristico e noticioso, que veio á luz n'esta capital.

Longa vida lhe desejamos.»
(Do *Sul-Americano*)


Nossos agradecimentos.

Club da Imprensa

Domingo ultimo foi fundado este club. *O Binoculo* não se fez representar, porque, como é pequenino, não mereceu a honra de um convite.

Entretanto, faz votos sinceros para que a organização desse *Club* traga em resultado mais amor ás letras e incremento á imprensa que entre nós, na nossa humilde opinião, infelizmente, não tem progredido.

MATAGAL



Em frente ao sobrado do padre Cruz, quasi á entrada do becco do Zé Carlota existe um matagal, que está reclamando a enxada dos trabalhadores da municipalidade.

Consta que ali apparecem cobras e lagartos, que têm sido causa de muitos maus successos!

Damos esta noticia com todas as reservas.



O *Estado* descobriu que na Alemanha a lemea é macho e o macho é femea!

E o que comprehendemos neste pedacinho: a *fallecida imperatriz Frederica da Alemanha* etc.

Ella é elle!

Ahi, seu Cancio..

PERFIL

Tem olhos, cabellos pretos,

Não é alto e é magrinho;

Tem abaixo do nariz

Um escuro bigodinho.

Foi major, e mui valente,

Etambem um bom pintor,

Mas devido ao rheumatismo

De pedras hoje é cantor.

LUZIA

SCENA DE AMOR

Luiza e Mario, dois jovens primos, estimavam-se como dois poupinhos que em seu nido casto, vivem prazenteiramente feliz.

Ambos, a sós, em uma noite de luar ameno passejavam no jardim da casa della.

Cançados de caminhar pelas estreitas ruas do jardim, se foram assentar em um pequeno banco de pedra, debaixo de uma grande arvore. Ah! faziam promessas de amor. Por momentos ficavam mudos. Por fim, exclama elle:

—Luiza, sabes que duvido do teu amor?

—Mario...

—Sim, desconfio que teu amor para mim é falso; e que teu pensamento vòo ao peito do academico, teu visinho.

—Deus meu. Para que torturar meu coração. Jamais amei a outro a não ser a ti, Mario.

—É certo?

—Para que mentir?

—Si te pediasse provas d'este amor que me dedicas.

—Não te dei ainda, porque não m'a pediste.

—Pois bem, agora que se nos offerece occasião, quero, Luiza, esta prova que ha muito almejo.

De leve to ella encostando seu rosto meigo aos labios de Mario, e disse: — Ah! tens, guarda esta prova que a ti só pertence.

Mario murmurou: — Sim. E das faces de sua amada furia um doce beijo...

A lua, pouco a pouco foi escondendo a sua face pallida n'uma negra nuvem, como que não querendo testemunhar aquella scena de amor.

L. M.

JARDIM

O jardineiro não tem tido tempo de dar a sua palestra, estes ultimos dias. Anda de thesouros em punho, n'uma actividade enorme aparando a gramma do *Almirante Gonçalves*.

O monte de cisco, porém, continua ainda junto a figueira, pedindo encarecidamente, que d'alli o removam, afim de apañhar outros ares, que o livrem de apodrecimento.

UNIÃO DOS ARTISTAS

Em sessão solemne foi a 1. do corrente empossada a directoria desta humanitaria associação, que apesar de nova, ja tem feito alguns beneficios a socios que a ella tem recorrido.

Desejamos que a nova directoria, competendo-se do pesado encargo que vem de tomar sobre os hombros, saiba interpretar os deveres que lhe são inherentes, para que a *União dos Artistas* marche na estrada da prosperidade, em beneficio de seus associados.

457-2081-

FLAUTEAÇÕES

É megavel que o homem tem delicia para a *cousa*.

Na verso ninguem o pega.

Que motrificação! que arrouba! que inspiração!

O *cabra* estica uma linha de palatra como quem estica a *canella* após um profundo somno, e zasil dá á mixordia o nome de verso!

Aquillo é que é.

Immanhy vai mandar erigir uma estatu de gesso em pedestal de barro a figura saliente de seu filho.

Nepum mortal alcançou até hoje ta invejavel triumpho.

Uta! Teuho inveja.

É o publico que o ature.

Simplicio.

NA CORNETA...

Não ha nada mais aborrecido do que ouvir-se uma gaita mal tocada quando se esta com dor de cabeça.

Da, assim... como que a illusão que a gente está debruçado á borda de um precipicio, ouvindo alguém, lá no fundo, gemer com a perna quebrada.

Ou, então, a desagradavel impressão que se tem, depois de seguir por vellos escuras, uma mulher alta e esbelta, que só se vio pelas costas, deparando quando ella se volta, com uma cara de maniao macho e mircho... e termos de talar uns frenezinhos de encher-lhe a cara de talhefes!

Pobro Sen.

DE CANNIÇO...



Eis-me de novo; o amabilissimos leitores, de canniço n'agua.

—Este Turibio é um parrete enorme; dirá com certeza algum leitor. Aparece aos Domingos empunhando o canniço, e querendo deitar um espirito que, por não ter espirito, peixa de ser espirituoso.

—Eu sei que o meu espirito está engratado, como o gaz que Mendonça trouxe uma occasião do Rio; mas que quer o leitor? Metten-se-me na cachola ser jornalista, escrever uma secção humoristica, e por isso, temoso como muita da medicina, hei-le continuar a rabiscar embora digam que eu seja parrete.

Cada Turibio com a sua mania. Não appareceu aqui, *anos* atraz, um Turibio, que com a sua *pantomima* *carida* foi tão apreciado?

Uns acharam, é verdade, ser o meu chara um *paté medonho* (salvo seja); outros, pelo contrario, gostaram tanto delle que até lavaram e eugommaram-lhe a roupa gratuitamente.

Então? A todos não posso agradar, eu sei, mas o que é verdade é que as minhas canniçadas não ferem o decore publico, não attentam contra a dignidade de quem quer que seja: são até bem innocentes.

Não digo mal de ninguém; nem taço como o retractor de um certo diario, que *em prisas* *era* *que* *bem* *laço* *vão* (ahi seu Turibio de guerra!) timbrava em descompor todo o mundo e quando não tinha de quem *chunchular*, o *quêra* *zingava* a si proprio.

Este pedacinho foi tirado á sustancia! Já sei que gostaram!

Mas, deixen os estas cousas. Vou contar ao leitor amigo, uma historiasinha, que, quando eu era rapaz, contou-ma o velho Silvio de Alencar, que então morava no Sacco do Padre, onde havia um coqueiro que fazia as delicias da rapaziada.

Nô tempo em que o Innocencio discursava e fazia allusões ao cavallo de Calígula, e o Gualberto tocava flautim na musica dos *Quebra-Xilos*, existia um ra-

pez alto, roçado, de bigodinho preto, retorcido, que tinha a mania de namorar todas as moças, e matar os gatos que encontrava.

Esse damnado que considerava se o rapaz mais bonito d'aquella epocha, não attendia ás ponderações que lhe faziam os amigos, os quaes aconselhavam-lhe que deixasse aquella mania, pois que com ella poderia algum dia soffrer alguma desfeita.

Era ver uma moça ficava todo *derreido*, todo *marmellado*!

Uma occasião estava elle numa janella muito ancha, conversando com umas moças galantes e seductoras, quando atravessa a rua uma *senhorita* — é o termo mais moderno — toda faceira no seu vestido azul claro.

Elle, muito aterrado á mania, atralhe um olhar todo cheio de ternura, e diz á uma das moças com quem conversava:

—É um anjinho!

A moça, que se dava com a *senhorita*, grita:

—O Fulana, aqui o sr. Beltrano diz que tu és um anjinho!

A *senhorita*, que tinha cabelhinho, na venta, volta-se e responde, apresentando-lhe as armas de S. Francisco:

—Anjinho é isto!

E safá-se, deixando o maniaco todo desconcertado, com cara de Manel de Soiza, em presença das moças que riam á bandeiras desprezadas!

Quem está livre de uma destas, porque não se mette a sebo, é o precavido

TURIBIO.

CHURUMELA

Faz versos de pé quebrado, faz egloga, escreve loa, e depois vem para a rua vender como coisa boa!

Quem não conhece a fazenda, cae no laço oh! lá se cae! mas quando o macaco é velho junto a *combua* nem vae!

Pensa o vate juliano estar em terra de rego?

Vá vender seu peixe a outro, Por Deus nos deixe em socego.

Caim.

O DONO DA ALFANDEGA



Conheci-o

Era alto, gordo, com a cor de jambo nas faces rechonchudas, imberbe ainda, quando lhe deram um lugar na alfandega.

Quando caminhava fazia-o requebrando-se, gingando que era um dos nos acuda.

Carregava uma *protopopeia* descumumal, propria de quem não euterga um palmo adiante do nariz.

Gostava do bilhar, e ninguem pegava no taco com tanto geito, nem jogava tão bem como elle, que recuava bolas de uma a outra tabella.

Calligraphia, a delle era a melhor, e nesse tempo não existia quem escrevesse com mais orthographia-do que o dono da alfandega.

Uma occasião questionou com um collega, que não soube escrever a palavra — *gato*. Ora gato com *g*! Bem mostras que não passas de um ignorante. Gato em portuguez puro, genuino, escreve-se assim: *chato*.

— E' boa! Não, sr., diz o outro.

— Sim, sr. Si conhecesses o francez não dirias semelhante asneira. Em francez *gato é chat*, logo em portuguez o *chato é gato*.

Quando passeiava a cavallo, quem o visse ao longe, cavalgando fogoso gineite, suppo-o-lia um general orgulhoso das victorias alcançadas nas muitas batalhas em que tomara parte.

Tinha um *aplomb* medonho.

Chamavam-n'o *dono da alfandega* devido a maneira emphatica porque alludia aquella repartição, e ao serviço que estava a seu cargo.

Quem o ouvisse, e não o conhecesse, dirias que realmente elle punha e dispunha n'aquella repartição, onde todos obedeciam-lhe ao menor aceno!

Sabia e conhecia tudo.

— E' verdade que Fulano morreu? Tu que estás a par de tudo, com certeza has de saber.

— E' exacto; respondeu ao amigo que o interrogava. Morreu, coitado! não chegou a ver a morte!

— Coitado! então perdeu os sentidos?

— Não, homem; era cego de nascença. Tinha destas tambem.

Um dia desappareceu, e até hoje não se tem noticias d'elle, que chamava a attenção de todos com o seu andar requebrado, gingando, n'um *degrê* especial.

Por

A sorenata e o coio



No fundo azul carregado de brilhantes constellações adornam o ether.

A luz avelludada da luz espalha-se na natureza suavizando caprichosas montanhas que se destacam no horizonte longiuo.

A doce aura de lere passando, traz a frescura de suas azas, o mel que rouba ás petalas assetipadas do jasmim.

Meio occulto á sombra de copada fogueira, um trovador entoa sentimental melodia, realçando a belleza da poesia que alguém lhe inspirara.

Um violão arpeja em tom menor, n'um dolce artistico.

A flauta suspira as queixas amorosas do namorado, n'um *crescendo e morendo* como que mostrando ora a alegria, ora a duvida do cantor sem ventura.

Mas... silencio!

Uma janella abre-se e um vulto de mulher de alva roupa, vacilla em debruçar-se.

— E' ella! Diz o coio' correndo para abaixo da fatal janella.

Uma criada, não se sabe porque arde do diabo, com as *vestes* de dormir, traz como uma tempestade, trazia um *coio* cujo conteúdo esvasia na cabeça do coio, no momento em que este com o coração cheio de amor e poesia recitava:

Mulher, és bella n'esse teu temor;

Mulher, és anjo n'essa sã ternura.

Nunca decepção alguma n'este momento deixou um pobre diabo com cara tão bonita lisada como a do coio!

O coio é mesmo assim.

Quando canta, dão-lhe um banho de agua!

Quando parece ter alguma sorte, dá-lhe o papel de *avollo de campo*.

O' vós, coios, cuidado!

Photographia